

...sobre questões de “identidade cultural” na criação musical

Edgar Alandia

Depois da queda do muro de Berlim e com a globalização, que deveria haver permitido a todos acessar e compartilhar uma variedade de pontos de vista, observamos que houve, ao contrário, uma tendência dos vários grupos sociais, religiosos, políticos, culturais e mesmo étnicos a se fecharem, provocando desastres de dimensões apocalípticas, como os que ocorreram com a desintegração da Iugoslávia ou os movimentos de fanatismo islamista no Oriente Médio.

A globalização, longe de permitir o intercâmbio de ideias, de pensamentos e de culturas, não fez outra coisa que facilitar a exploração para as multinacionais e a alta finança internacional, determinando, quase como reação natural, a intensificação de sentimentos nacionalistas como resposta às incertezas sociais e ao avanço avassalador do poder econômico.

Uma das respostas espontâneas que surgiram foi a “necessidade” de definir uma suposta “identidade”, o que chega a ser uma obsessão em alguns casos ou uma manipulação demagógica em outros. Pessoalmente, creio que cada um não é mais do que é: síntese de uma experiência temporal, geográfica, social, intelectual, etc.

Passando à questão da “identidade cultural” e considerando a arte como algo intimamente ligado à cultura, recordemos Paul Klee, que definia a arte como algo que não reproduz o que se vê, mas faz possível ver o invisível. Vale a

pena também refletir sobre algumas “definições” ligadas a estudos de psiquiatria que enunciam que a arte não comunica nenhuma suposta mensagem, emoções e muito menos sentimentos. A arte, ao contrário, provoca emoções, provoca sentimentos.

A arte não comunica outra coisa que não sejam relações entre os elementos matéricos das várias linguagens. Cores e formas na pintura, palavras na literatura, sons na música. A arte é um meio de expressão dos pensamentos. O pensamento pode expressar emoções, o pensamento pode expressar sentimentos, mas, sobretudo, está claro que o pensamento se expressa por meio das linguagens, quer dizer, por meio de códigos. Ainda que o conhecimento do código seja uma pré-condição para a compreensão intrínseca de uma obra de arte, nada impede a ninguém poder fazer, em diferentes níveis, com que a obra provoque sensações e até emoções. A obra de arte cumpre precisamente essa função, quer dizer, de brindar-nos com a possibilidade de viver uma experiência única, de “compreender” algo que está além da própria obra, algo que está dentro de nós, algo que entendemos à nossa maneira, algo que nós mesmos descobrimos.

A música é uma linguagem que tem seus próprios códigos e seus próprios processos estruturais, assim como também têm seus códigos as várias épocas, estilos, regiões e civilizações. O código vem a ser, então, o meio fundamental para expressar um pensamento. Sendo o som e o pensamento os elementos constitutivos da música, é interessante imaginar uma definição para a mesma e lançar duas questões: seria a música a articulação do pensamento através dos sons? Ou ainda melhor: seria a articulação dos sons através do pensamento? Sem optar por uma só resposta, posto que qualquer uma das duas é possível, fica evidente que a música engloba som e pensamento num equilíbrio sutil e necessário. Creio que se trata precisamente disso: de organizar uma maneira de pensar por meio dos sons ou, ainda melhor, de organizar os sons segundo uma maneira de pensar.

Creio, além disso, que a ideia de investigar esse conjunto de problemas não só é interessante mas me parece, na verdade, necessária. Menos interessante, certamente, me pareceria finalizar essa pesquisa e, menos ainda, finalizá-la ao descobrimento de uma suposta identidade cultural que na verdade já existe. É como se descobríssemos a água fervida, que de todas as maneiras é sempre H₂O. Qualquer investigação sobre os recursos técnicos dos instrumentos – em nosso caso, andinos –, suas possibilidades expressivas e seu contexto estrutural

de pensamento não garantem de maneira alguma outra identidade que não seja a do compositor.

Cultura é compreender, não entender. Compreender supõe a vivência de um acontecimento, a interiorização de uma experiência e, por conseguinte, seria relativamente mais útil pensar a cultura como uma referência e não como um fim. A cultura é uma experiência individual e a soma de experiências individuais dá lugar a uma experiência coletiva, a uma consciência coletiva; em suma: a uma cultura compartilhada. Não creio que existam culturas melhores ou culturas piores; existem culturas diferentes, e creio firmemente que a riqueza cultural não está na quantidade dos idênticos mas na qualidade dos inumeráveis diversos.